

ROBERT W. CHAMBERS

**O REI
DE
AMARELO**

Prefácio e tradução do inglês (Estados Unidos) por
NUNO FRANCO
Introdução
DAVID TIBET

ÍNDICE

<i>Introdução, de David Tibet</i>	7
<i>Introduction, by David Tibet</i>	9
<i>Prefácio, de Nuno Franco</i>	11

O REI DE AMARELO

O Reparador de Reputações	27
A Máscara	73
No Pátio do Dragão	99
O Símbolo Amarelo	113
A <i>Demoiselle D'Ys</i>	143
O Paraíso dos Profetas	165
O <i>Studio</i>	167
O Fantasma	168
O Sacrifício	168
O Destino	169
A Turba	169
O Bobo da Corte	170
O Quarto Verde	171
O Teste de Amor	171
A Rua dos Quatro Ventos	173
A Rua da Primeira Bomba	185
A Rua de Nossa Senhora dos Campos	235
<i>Rue Barrée</i>	289
<i>Notas</i>	323

A MÁSCARA

CAMILLA: Senhor, deveríeis tirar a máscara.

O DESCONHECIDO: Deveras?

CASSILDA: Deveras, já é hora. Todos retirámos já os nossos, salvo vós.

O DESCONHECIDO: Eu não uso máscara.

CAMILLA: (aterrorizada, à parte para Cassilda) Não tem máscara? Não tem máscara!

O REI DE AMARELO: ACTO 1, 2.ª CENA

I

Embora não percebesse nada de química, eu ouvia fascinado. Ele pegou num lírio japonês, que Geneviève trouxera essa manhã de Notre-Dame, e depositou-o num recipiente. Nesse mesmo instante, o líquido perdeu a sua nitidez cristalina. Em segundos, o lírio foi envolvido por uma espuma branca semelhante a leite, a qual desapareceu deixando um fluido opalescente. Sobre a superfície sobrepuseram-se tonalidades de laranja e carmesim, e então o que parecia ser um raio puro de luz solar projectou-se a partir do fundo, onde o lírio repousava. No mesmo instante, mergulhou a mão no recipiente e retirou a flor.

— Não há nenhum perigo — explicou — se conseguir escolher o momento certo. Aquele raio dourado é o sinal.

Aproximou o lírio de mim e eu peguei-lhe. Tinha-se transformado em pedra, no mais puro mármore.

— Veja — disse —, sem qualquer falha. Que escultor poderia reproduzi-lo?

O mármore era branco como a neve, mas nas suas profundezas os veios do lírio estavam tingidos de um pálido azul-marinho, e um leve rubor permanecia bem profundo no seu coração.

— Não me pergunte a razão para tal — sorria perante o meu espanto. — Não percebo porque motivo os veios e o coração ficam tingidos, mas acontece sempre o mesmo. Ontem experimentei com um dos peixes dourados de Geneviève — ali está.

O peixe parecia esculpido em mármore. Mas se o aproximássemos da luz, a pedra via-se maravilhosamente cheia de estrias de um pálido azul-marinho, e algures do interior surgia uma luz rosada como a que repousa na opala. Olhei para o recipiente. Uma vez mais, parecia repleto do mais puro cristal.

— E se eventualmente o tocasse agora? — perguntei.

— Não sei — respondeu. Mas é melhor que não tente.

— Ainda há uma coisa que me deixa curioso: de onde veio o raio de sol.

— Parecia um raio de sol, de verdade — exclamou. — Não sei, aparece sempre que submerjo qualquer coisa viva — proseguiu, sorrindo. — Talvez seja a centelha vital da criatura a escapar para a fonte de onde teve origem.

Reparei que ele estava a gozar e ameacei-o com o tento de pintura, mas ele limitou-se a rir e mudou de assunto.

— Fique para o almoço. A Geneviève está quase a chegar.

— Vi-a bem cedo a ir para a missa, e parecia tão fresca e luzidia quanto esse lírio antes de o ter destruído — disse eu.

— Acha que eu o destruí? — perguntou Boris gravemente.

— Destruído, preservado... quem pode dizer?

Sentámo-nos no canto do estúdio, junto do seu incabado grupo das Parcas. Ele recostou-se no sofá, dando voltas ao cinzel e olhando atentamente para o seu trabalho.

— A propósito, acabei de dar os últimos retoques nessa académica Ariadne, e suponho que terá de ir para o Salão. É a única coisa que tenho pronta este ano, mas depois do sucesso alcançado pela «Madonna», sinto-me envergonhado por enviar uma coisa destas — alegou Boris.

A «Madonna», um extraordinário mármore para o qual Geneviève posara. Fora a sensação do Salão no ano anterior. Olhei para a Ariadne. Era um majestoso trabalho de técnica, mas concordei com Boris — o mundo exigiria dele algo melhor do que aquilo.

Ainda assim, agora era impossível pensar em terminar a tempo do Salão aquele esplêndido e terrível grupo parcialmente envolto atrás de mim. As Parcas teriam de esperar.

Nós tínhamos orgulho em Boris Yvain. Nós reivindicávamo-lo e ele reivindicava-nos com a intensidade de ter nascido na América, ainda que o seu pai fosse francês e a sua mãe, russa. Todos nas Belas-Artes o apelidavam de Boris. E, no entanto, havia apenas dois de nós a quem ele se dirigia de igual forma familiar — Jack Scott e eu.

Talvez o facto de eu estar apaixonado por Geneviève tivesse algo que ver com o seu afecto por mim. Não que tivéssemos falado disso entre nós. Mas depois de tudo esclarecido, e de ela me ter dito com lágrimas nos olhos ser Boris quem amava, fui a casa dele e dei-lhe os parabéns. Sempre acreditei que a perfeita cordialidade dessa nossa conversa não deixou nenhum de nós mal, embora tenha sido um grande conforto para, pelo menos, um de nós. Não creio que ele e Geneviève tenham alguma vez falado do assunto, mas Boris sabia.

Geneviève era adorável. A pureza quase virginal do seu rosto parecia ter-se inspirado no *Sanctus* da *Missa* de Gounod. Mas eu ficava feliz sempre que ela mudava esse temperamento para aquilo que ela apelidava de «Manobras de Abril». Era tão instável quanto um dia de Abril. De manhã, grave, condigna e doce, ao meio-dia risonha, caprichosa, e ao anoitecer, tudo o que menos se esperasse. Preferia-a assim, e não aquela tranquilidade parecida com a «Madonna» que agitou as profundezas do meu coração. Estava a sonhar com Geneviève quando ele falou novamente.

— O que é que acha da minha descoberta, Alec?

— Acho que é maravilhosa.

— Eu não farei uso dela, sabe, senão para satisfazer a minha curiosidade até onde esta possa ir; o segredo morrerá comigo.

— Seria um golpe para a escultura, não é verdade? Nós, os pintores, perdemos mais do que ganhámos com a fotografia.

Boris anuiu, brincando com a ponta do cinzel.

— Esta nova e perversa descoberta haveria de corromper o mundo da arte. Não, nunca confiarei o segredo a ninguém — disse muito devagar.

Seria difícil encontrar alguém tão pouco informado sobre tais fenómenos quanto eu; claro que já ouvira falar de fontes minerais de tal modo saturadas de sílica que as folhas e os galhos que caíssem nelas se transformavam em pedra, passado algum tempo. Entendia vagamente o processo como a sílica substituía, átomo a átomo, a matéria vegetal; o resultado era uma réplica do objecto em pedra. Isso, confesso, nunca me interessou por aí além, e quanto aos antigos fósseis assim resultantes, criavam-me repugnância. Boris, aparentemente, sentindo curiosidade em vez de repugnância, decidiu investigar o assunto, e tropeçou acidentalmente numa solução que, ao atacar o objecto submerso com uma ferocidade desconhecida, num segundo fazia o trabalho

de anos. Foi tudo o que consegui perceber da estranha história que ele havia contado. Ele falou de novo após um longo silêncio.

— Tenho até medo quando penso naquilo que descobri. Os cientistas haveriam de enlouquecer perante tal descoberta. E foi tão simples; descobriu-se a ela própria. Quando penso nessa fórmula e no novo elemento condensado em graduações metálicas...

— Que novo elemento?

— Oh, não pensei em dar-lhe um nome, e acredito, aliás, que nunca o farei. Já há um número suficiente de metais preciosos no mundo por cujo valor se cortam inúmeras gargantas.

Sintonizei a minha atenção.

— Descobriu o filão, Boris?

— Não, melhor; mas veja, Alec! — riu-se e começou. — O Alec e eu temos tudo de que precisamos neste mundo. Ah, quão sinistro e ávido aparenta estar!

Também me ri, referindo-lhe o quanto me devorava o desejo de ouro e que seria melhor mudar de assunto para outra coisa. Mal Geneviève chegou, pouco depois, virá-mos costas à alquimia. Geneviève estava vestida de cinza prateada da cabeça aos pés. A luz cintilava ao longo das suaves curvas dos seus cabelos louros enquanto virava a sua face para Boris; então viu-me e retribuiu a minha saudação. Ela nunca deixara de me soprar um beijo na ponta dos seus brancos dedos, e prontamente reclamei da omissão. Sorriu e levantou a sua mão, que pendeu caída antes de tocar na minha. Então, olhando para Boris, disse:

— Tem de convidar Alec para ficar para o almoço.

Isto era igualmente algo de novo. Geralmente até ali, era ela própria que me convidava.

— Eu já o fiz — disse Boris, prontamente.

— E o Alec disse que sim, presumo?

Virou-se para mim com um sorriso encantador, mas convencional. Eu bem poderia ser um conhecimento de anteontem. Curvei a cabeça em reverência.

— *J'avais bien l'honneur, madame* — mas recusando-se a adoptar o nosso habitual tom amistoso e brincalhão, ela murmurou um acolhedor lugar-comum e desapareceu. Boris e eu olhámos um para o outro.

— É melhor eu ir para casa, não acha? — perguntei.

— Macacos me mordam se eu sei! — exclamou ele francamente.

Enquanto nós discutíamos se a minha partida seria conveniente, Geneviève reapareceu à soleira da porta sem a sua touca. Estava maravilhosamente bela, mas a sua cor estava mais profunda e os seus bonitos olhos brilhavam muito. Veio ter comigo e agarrou-me pelo braço.

— O almoço está pronto. Fui indelicada, Alec? Pensei ter uma dor de cabeça, mas afinal não tinha. Venha cá, Boris — estendendo o outro braço para o dele. — Alec sabe que depois de si não há mais ninguém que eu preze tanto no mundo quanto ele. Por isso, ainda que por vezes possa sentir-se menosprezado, não vai sentir-se magado.

— *À la bonheur!* — exclamei. — Quem disse que não há tempestades em Abril?

— Estão prontos? — cantarolou Boris.

— Sim, estamos.

E de braço dado corremos à volta da sala de jantar, escandalizando os camareiros. Afinal não havia muito a apontar; Geneviève tinha dezoito anos, Boris tinha vinte e três anos e eu ainda nem sequer tinha vinte e um.

II

Certo trabalho que estava a preparar por essa altura, destinado a decorar o *boudoir* de Geneviève, mantinha-me constantemente fechado num estranho pequeno hotel da Rue Sainte-Cécile. Boris e eu, nessa época, trabalhávamos arduamente, mas segundo a nossa vontade,

o que era agradável, e nós os três, com Jack Scott, compartilhávamos vários momentos de ócio.

Numa tarde calma, eu tinha estado a passear sozinho pela casa, a examinar as curiosidades, espiando os recantos escondidos, buscando doces e charutos de estranhos esconderijos, até finalmente dar por mim no lavabo. Boris, coberto de argila, estava a lavar as mãos.

O quarto tinha sido edificado num mármore rosado, excepto o soalho, pavimentado de mosaicos cor-de-rosa e cinzentos. Ao centro estava uma piscina quadrada abaixo do nível do chão, havia degraus a descer para ela e pilares esculpidos a suportar um tecto com frescos. Um delicado Cupido de mármore parecia ter acabado de pousar no seu pedestal na extremidade superior da sala. Todo o interior era trabalho de Boris e meu. Boris, com a sua roupa de lona branca, retirava vestígios de argila e de cera vermelha de moldar das suas delicadas mãos, e brincava por cima do ombro com o Cupido.

— Estou a ver-te — continuou ele. — Escusas de olhar para outro lado a fingir que não me vês. Bem sabes quem te fez, seu pequeno desavergonhado.

Era sempre a mim que cabia o papel de interpretar os sentimentos do Cupido nestas conversas, e quando chegou a minha vez respondi de tal maneira que Boris agarrou no meu braço e arrastou-me em direcção à banheira, dizendo que me ia afogar. No instante seguinte, largou-me e empalideceu.

— Meu Deus! — afirmou. — Tinha-me esquecido de que a banheira está cheia da solução!

Estremeci um pouco e aconselhei-o, severamente, a lembrar-se melhor de onde guardava o líquido precioso.

— Por amor de Deus, entre tantos lugares, como é que guardas aqui um pequeno lago desse líquido tenebroso? — perguntei-lhe.

— Pretendo fazer a experiência com algo maior.

— Comigo, por exemplo.